

0:00 / 2:25

Localização das Amostras - Gravações do Grupo de Variação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa - Registos Sonoros

Dialectos portugueses setentrionais:

baixo-minhotos-durienses-beirões

Vila Boa de Bucos 1

INF = Informante

INQ = Inquiridor

INF O nosso gado daqui é muito bonito, não o acham?

INQ1 *É lindíssimo!*

INF É muito lindo!

INQ1 *Que raça é?*

INF É... Não sei. É o gado amarelo, amarelo. Ele, o gado amarelo é todo... O gado todo que fôr desta raça é tudo bovino, não é?

INQ1 *Pois.*

INF Mas (...) o nosso gado aqui é muito bonito. Daqui até Barroso! Depois a gente vai...

INQ1 *É o mesmo, é igual ao do Barroso.*

INF Pois, pois. Vai para Trás dos Montes já não é igual! Tem os cornitos pequeninos. Vai-se... Vai a gente para Lisboa, para uma banda qualquer, já encontra (...) umas vacas, a gente já nem diferença se são vacas se são burros!

Agora o nosso gado aqui é muito parelhinho, muito bonito e é por isso que eles agora os senhores doutores andam a ver se concluem ter o gado todo amarelo, todo amarelo. Mas o gado amarelo agora está a dar menos dinheiro. Mas ele vem altura...

INQ1 *Ó senhora Maria, agora diga-nos lá uma coisa, se tem tempo: o que é que cria na sua horta, o que é que lá tem?*

INF Olhe, tenho lá (...) margens de cebolo, tacos de tronchas, como nós lhe chamamos aqui, não é? Tacos de tronchas. Vocês ainda não foram ver, ou já?

INQ2 *Não!*

INF Mas até podem ir ver, que ainda se vê. Temos lá alhos semeados, temos coração de boi, tínhamos nabos para dar grelos e para se comer os nabos. Mas agora os nabos (...) não é como lá nas terras que dão todo o ano, não é? Que assim que a geada apontar eles são rijos. Depois dão grelos. E temos couves. Para já ainda não plantámos o cebolo – isto está tudo atrasado... (...) E é (assim).

IN 2 *Olhe, mas as tronchas não são couves?*

INF Não, senhora dona Manuela. As couves... Nós temos outra couve que lhe chama galega. As couves que nós gastamos são galegas.

INQ2 *Essa é que é a couve, concretamente?*

INF Isso é que é couve. E a outra são tronchas. (...) E algumas vezes a gente também planta repolhos. Mas a nossa horta dá... É um quintalinho muito bom. O que é pena é não ser meu – ser da minha patroa – e eu agora ter de o deixar qualquer dia. E não vou ter fartura, porque eu indo, fazendo um barraquinho de uma casa que não é casa, mas um barraquinho de uma casa... Que é que a gente lá vai ter? Não tem um bocadinho de terra para a horta! Não tem para um quinta! Não tem nadinha! A gente, o ser velho também é triste! (Oh, então que é triste). Se a gente tem sequer uma coisa de ir para um asilo ou para uma coisa qualquer, ainda a gente tem quem faça de comer à gente; mas a gente dizer assim, quero ir comprar as coisas, nem...Quantas ou quantos velhinhos aí estão que nem podem sair para fora da porta.

INQ1 *Pois.*

[Imprimir esta página](#)[Fechar janela](#)

© Instituto Camões, 2002